

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a) o texto completo desta Tese será disponibilizado somente a partir de 29/07/2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
Faculdade de Ciências
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

Felipe Augusto Monteiro Cravo

**PRECONCEITO SEXUAL E DE GÊNERO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO: INVESTIGAÇÕES TEÓRICAS E APLICADAS**

Bauru

2024

Felipe Augusto Monteiro Cravo

**PRECONCEITO SEXUAL E DE GÊNERO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO: INVESTIGAÇÕES TEÓRICAS E APLICADAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, área de
concentração: Aprendizagem e Ensino, como requisito para
obtenção do título de Doutor pela Universidade Estadual
Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia Moreira Almeida-Verdu

Co-orientador: Prof. Dr. João Henrique de Almeida

Bauru

2024

Cravo, Felipe Augusto Monteiro.

Preconceito sexual e de gênero sob a ótica da
Análise do Comportamento: investigações teóricas
e aplicadas / Felipe Augusto Monteiro Cravo. -
Bauru, 2024

241 f. : il.

Tese (Doutorado)-Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Ana Cláudia Moreira Almeida-Verdu

1. Preconceito sexual e gênero. 2. Análise do
Comportamento. 3. Comportamento simbólico. 4.
LGBTfobia. 5. Preconceito implícito. I.
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Ciências. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE FELIPE AUGUSTO MONTEIRO CRAVO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 29 dias do mês de janeiro do ano de 2024, às 08:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de FELIPE AUGUSTO MONTEIRO CRAVO, intitulada **Preconceito sexual e de gênero sob a ótica da análise do comportamento: investigações teóricas e aplicadas**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. ANA CLAUDIA MOREIRA ALMEIDA VERDU (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências - Unesp/Bauru, Profa. Dra. CAROLINA LAURENTI (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Universidade Estadual de Maringá, Prof. Dr. ALEX EDUARDO GALLO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento / Universidade Estadual de Londrina, Profa. Dra. ALESSANDRA TURINI BOLSONI SILVA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências - Unesp/Bauru, Profa. Dra. ANA CLAUDIA BORTOLOZZI (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências - Unesp/Bauru. Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: **A P R O V A D O**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. ANA CLAUDIA MOREIRA ALMEIDA VERDU

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CLAUDIA MOREIRA ALMEIDA VERDU
Data: 29/01/2024 13:03:54-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

*À criança que fui, e a tantas outras
vítimas de preconceito.*

Este trabalho foi realizado sob o escopo do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino (INCT-ECCE, 2014). Processos FAPESP **2014/50909-8**; CNPQ **465686/2014-1**; CAPES **88887136407/2017-00**, com vigência de **01/01/2017** a **31/01/2023**.



O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de financiamento **001**.



AGRADECIMENTOS

Ao longo dos vinte e dois anos de estudos, desde a escola até da Universidade, reconheço a incontável contribuição de todas as minhas professoras. Gostaria de agradecer especialmente à Regina, Aldinira, Toninha e Sueli, respectivamente, minhas professoras da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental I (na época ainda eram séries). Infelizmente, eu não lembro de seus sobrenomes, mas recordo vividamente de suas expressões faciais, vozes e gestos naqueles momentos encantados em que técnica e arte se fundiam no ato de ensinar.

Após os anos iniciais, a escola se tornou um ambiente hostil e pouco reforçador, ao passo que as ofensas preconceituosas aumentavam. Mesmo assim, havia algo que eu gostava, e tinha aprendido nos anos iniciais: estudar! Tenho lembranças afetuosas das professoras Lisabeth (História), Silvana (Geografia), Eliane (História), Maria Aparecida (Língua Portuguesa), Vanuza (Geografia), Rita (Física), Lourdes (Matemática). Da quinta série até o terceiro ano do Ensino Médio, estudei majoritariamente na Escola Estadual Genésio Machado (Sorocaba – SP). Nesse período, diversas professoras me auxiliaram e me ensinaram, tanto em meus momentos quietos e retraídos quanto nos inquietos e reativos. Nomeio aquelas que, além de me ensinarem os conteúdos curriculares, conscientes ou não, tornaram-se modelos para a minha atual prática pedagógica. Uma das condições que me motivou até o doutorado foi o desejo de ser professor; estas mulheres, educadoras, me inspiraram neste percurso. Levo comigo, a partir da minha história que a todo momento se presentifica, as influências positivas que recebi das minhas professoras.

Agradeço à minha mãe Débora, pois, faltando apenas dois meses para se formar professora, ela foi obrigada a abandonar o curso de magistério quando eu – recém-chegado neste mundo – fiquei muito doente e precisei de seus cuidados. Mesmo sem nunca ter recebido o título de professora ou exercido formalmente esta profissão, minha mãe me ensinou e me ensina constantemente. Sua didática é outra, porque a ela não foi dado conteúdos programáticos, matrizes curriculares, objetivos específicos de aprendizagem, tampouco tempo para intervalos, férias remuneradas, faltas abonadas. Ela me educa há 31 anos, ininterruptamente, e se nos últimos anos tenho conseguido ter menos lições diárias, é porque coloco em prática tudo que ela me ensinou.

Agradeço ao meu pai, André, que durante anos viabilizou os caminhos para que eu pudesse estudar. Sem romantizar as opressões sociais ou relativizar o sofrimento imposto pelo sistema econômico e político. Deste modo, sou grato a ele por ter me sustentado com três empregos durante os cinco anos da minha graduação em Psicologia. Por meio destes trabalhos, formais e informais, ele conseguiu me sustentar em Poços de Caldas-MG. Sua dedicação e sua crença em meu desenvolvimento foram um farol quando eu ficava à deriva navegando nas profundas águas dos estudos.

Agradeço à minha irmã Mariana, com ela aprendi o ato de cuidar, e hoje por ela sou cuidado. Eu gostaria de ter 1/10 do amor que ela tem em seu coração. Mariana também me ensinou a ensinar. Quando crianças, nós brincávamos de “escolinha” e eu costumava ser o professor. Naquele tempo eu não tinha muita didática, mas estar ao seu lado e viver o mundo por meio das brincadeiras me deu a oportunidade de ser eu mesmo. Sem que ela, ou eu, soubéssemos, Mariana sempre me viu por quem eu sou. Assim ela me ensinou a amar da maneira mais fluída possível: amando.

Agradeço ao meu companheiro, noivo, namorado, Caio. Nos conhecemos estudando no curso técnico em edificações na ETEC Fernando Prestes. Desde o início de nosso namoro, eu sigo estudando, graduação, mestrado, doutorado. Sei que sou repetitivo e, por vezes, quando diante de alguma questão que me incomoda, perco-me em meus pensamentos, fico às vezes minutos, às vezes horas, dias, “fora do ar”. Mas, todas as vezes que eu retorno, ele está ao meu lado.

Nesta caminhada acadêmica o estresse, as dores, as frustrações, as inseguranças, os medos, e o desejo de desistir e fugir foram, e ainda são, frequentes. Porém, tudo se torna um pouco mais leve quando estou com meus amigos. Parece-me que na presença deles o tempo escorre diferente. Cada um, a seu modo, me toca de uma forma única. Não sei como, mas consegui um grupo de amigos que não me cobram nada pelo amor. Na presença deles sinto que posso ser eu mesmo com todas as minhas ambiguidades, contradições e dificuldades. Nominalmente (em ordem alfabética), agradeço a André, Bruno, Carla, Eliezer, Henrique, Marcos e Pedro.

Gostaria de expressar minha gratidão aos estudantes que me acompanham na UNIFSP e na UNISO. A confiança e o companheirismo destas/es estudantes favorecem o contato com meus valores pessoais sobre a docência e a pesquisa acadêmica. Em especial, quero agradecer aos estudantes do GEPCS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sociedade) que me auxiliaram nas coletas de dados, e com os quais também pude aprender mais sobre a possibilidade de uma pedagogia afetuosa.

Agradeço à Prof^ª. Dra. Ana Claudia Moreira Almeida-Verdu, por ter aceitado me orientar, mesmo com um tema diferente do que estávamos trabalhando no mestrado. Sua confiança e serenidade em me auxiliar no processo de doutoramento foram ambientes importantes para que eu desenvolvesse um pouco mais de confiança e disciplina diante da trajetória que eu escolhi. Também agradeço ao Prof. Dr. João Henrique de Almeida, por sua dedicação e atenção em me co-orientar, auxiliando-me nas análises e interpretações de dados com os quais eu não tinha familiaridade. Sua paciência e descontração tornaram menos aversivas as análises sobre responder relacional apresentadas nesta tese.

CRAVO, F. A. M. **Preconceito sexual e de gênero sob a ótica da análise do comportamento: investigações teóricas e aplicadas.** 244f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências, Bauru, 2024.

RESUMO

O objetivo desta tese é apresentar investigações teóricas e aplicadas sobre preconceito sexual e de gênero sob uma perspectiva analítico-comportamental. A tese está dividida em introdução geral, cinco estudos em formato de artigos e um capítulo final. No capítulo 1 apresenta-se uma revisão teórica sobre o preconceito sexual e de gênero sob a perspectiva da análise do comportamento com ênfase nos processos simbólicos constituintes deste fenômeno. O segundo e o terceiro capítulos são revisões de literatura já publicadas em periódicos durante o percurso de doutoramento. Tais revisões contribuíram para compreender os usos e características do instrumento IRAP (*Implicit Relational Assessment Procedure*) (capítulo 2) e o estado da arte da literatura analítico-comportamental brasileira sobre sexualidade e gênero (capítulo 3). O capítulo 4 apresenta o resultado da avaliação de preconceito explícito contra gays e lésbicas por estudantes de psicologia. Participaram 115 estudantes (73 femininas, 39 masculinos e 3 pessoas não-binárias, média etária 23,3 anos, *DP*, 7,0) que responderam à Escala Multidimensional de Preconceito Sexual (EMPS) de forma *online*. A escala mede preconceito sexual a partir de cinco fatores (aversão à homossexualidade, heterossexismo, crenças positivas sobre a homossexualidade, resistência à heteronormatividade e negação da homofobia). Dentre os resultados verificou-se que participantes cisheterossexuais possuem maiores médias de “heterossexismo”, e participantes LGBTQIAPN+ e sem crença religiosa maiores escores no fator “resistência à heteronormatividade”. O fator “crenças positivas sobre a homossexualidade” foi interpretado de forma diferente da proposta dos autores da escala. Discutiu-se sobre as características curriculares dos cursos de Psicologia e a formação profissional com vistas a diminuição de vieses preconceituosos. No capítulo 5 apresenta-se uma investigação exploratória sobre o uso do IRAP para medir vieses anti e pró figuras representativas (emojis) de heterossexuais, gays e lésbicas. Participaram 28 estudantes de psicologia (16 femininas, 11 masculinos e 3 pessoas não-binárias, 17 heterossexuais, cinco bissexuais, três homossexuais, dois pansexuais e uma pessoa assexual; média etária de 23 anos). As/os participantes foram divididas/os aleatoriamente em dois grupos (IRAP-Gay e IRAP-lésbica), e foram submetidas/os a avaliação implícita de viés pró e anti heterossexualidade e homossexualidade. Identificou-se que o IRAP é sensível para medir

vieses sobre sexualidade, porém os efeitos pró homossexualidade são funções das características das/os participantes. Isto é, participantes LGBTs apresentaram vieses pró gays e lésbicas e vieses neutros a heterossexuais, e participantes heterossexuais forte viés pró heterossexuais quando comparado com estímulos gays, e vieses neutros para homossexuais em geral. Discutiui-se sobre as relações simbólicas como função da história de interações com as contingências culturais estabelecidas para cada grupo. No último capítulo apresenta-se uma síntese pessoal do doutorando sobre os aspectos simbólicos que perpassaram sua história de vida enquanto gay. Por fim, apresenta-se um resumo dos objetivos, resultados e proposições possíveis a partir das pesquisas desenvolvidas.

Palavras-chave: Preconceito sexual e de gênero; Análise do Comportamento; Comportamento Simbólico; LGBTfobia; Preconceito implícito.

CRAVO, F. A. M. **Sexual and gender prejudice bias from the perspective of Behavior Analysis: Theoretical and Applied investigation** 244f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências, Bauru, 2023.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to present theoretical and applied research on sexual and gender prejudice from an analytical-behavioral perspective. The thesis is divided into a general introduction, five studies in the format of articles, and a final chapter. Chapter 1 presents a theoretical review of sexual and gender prejudice from the perspective of behavior analysis with an emphasis on the symbolic processes that constitute this phenomenon. Chapters 2 and 3 are literature reviews already published in journals during the doctoral course. These reviews contributed to understanding the uses and characteristics of the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) (Chapter 2) and the state of the art of Brazilian analytical-behavioral literature on sexuality and gender (Chapter 3). Chapter 4 presents the results of the evaluation of explicit prejudice against gays and lesbians by psychology students. 115 students participated (73 female, 39 male, and 3 non-binary people, mean age 23.3 years, SD, 7.0) who answered the Multidimensional Scale of Sexual Prejudice (EMPS) online. The scale measures sexual prejudice based on five factors (aversion to homosexuality, heterosexism, positive beliefs about homosexuality, resistance to heteronormativity, and denial of homophobia). Among the results, it was found that cisheterosexual participants have higher means of “heterosexism”, and LGBTQIAPN+ participants and those without religious beliefs have higher scores on the “resistance to heteronormativity” factor. The factor “positive beliefs about homosexuality” was interpreted differently from the proposal of the authors of the scale. The curricular characteristics of Psychology courses and professional training were discussed with a view to reducing prejudiced biases. Chapter 5 presents an exploratory investigation on the use of the IRAP to measure anti and pro biases towards representative figures (emojis) of heterosexuals, gays, and lesbians. 28 psychology students participated (16 female, 11 male, and 3 non-binary people, 17 heterosexual, 5 bisexual, 3 homosexual, 2 pansexual, and 1 asexual; mean age 23 years). The participants were randomly divided into two groups (IRAP-Gay and IRAP-Lesbian), and were subjected to an implicit evaluation of pro and anti heterosexuality and homosexuality bias. It was identified that the IRAP is sensitive to measure biases about sexuality, however the pro-homosexuality effects are functions of the characteristics of the participants. In sum, LGBT participants

presented pro-gay and pro-lesbian biases and neutral biases towards heterosexuals, and heterosexual participants presented strong pro-heterosexual bias when compared to gay stimuli, and neutral biases towards homosexuals in general. The symbolic relationships were discussed as a function of the history of interactions with the cultural contingencies established for each group. In the last chapter, the doctoral student presents a personal synthesis of the symbolic aspects that permeated his life history as a gay man. Finally, a summary of the objectives, results, and possible proposals from the research developed is presented.

Keywords: Sexual and Gender Prejudice, Behavior Analysis, Symbolic Behavior; LGBTphobia; Implicit prejudice.

LISTA DE FIGURAS

zFigura 1 – Ilustração didática e genéricas de relações simbólicas envolvidas em comportamentos preconceituosos.....	50
Figura 2 – Caracterização de possíveis operantes verbais presentes em episódios preconceituosos	62
Figura 3 – Ilustração didática de um episódio social preconceituoso.	68
Figura 4 – Print da primeira página do artigo: O uso do " <i>Implicit Relational Assessment Procedure</i> " na investigação sobre gênero: uma revisão de literatura.....	88
Figura 5 - Print da primeira página do artigo: Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade	90
Figura 6 – Representação das tarefas apresentadas pelo IRAP desta pesquisa nos quatro tipos de tentativas.	139
Figura 7 – Representação didática para leitura de possíveis resultados do IRAP com base nas configurações desenvolvidas para esta pesquisa.	142
Figura 8 – Resultado do D-IRAP-score das/os 28 estudantes de Psicologia avaliadas/os pelo IRAP-gay à esquerda e pelo IRAP-lésbica à direita.	148
Figura 9 – Resultado do D-IRAP-score das/os 27 participantes divididas/os por gênero, feminino e masculino, e submetidas/os ao IRAP-gay (à esquerda) e ao IRAP-lésbica (à direita).....	149
Figura 10 – Resultado do D-IRAP-score das/os 28 participantes divididas/os por orientação sexual e submetidas/os ao IRAP-gay (à esquerda) e ao IRAP-lésbica (à direita).....	150
Figura 11 - Sumarização dos resultados encontrados e indicações para futuros avanços nas pesquisas sobre sexualidade e gênero a partir de uma perspectiva analítico-comportamental.	217
Figura 12- Quadro relacional apresentado como ilustração a partir da minha história de preconceitos.	223

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos/as 115 universitários/as de Psicologia, dados coletados entre outubro de 2021 e março de 2022.....	101
Tabela 2 - – Relação entre os cinco fatores da EMPS e as principais características sociodemográficas das/os participantes.....	102
Tabela 3 - Porcentagem média das respostas dos 115 participantes a todas as perguntas em cada um dos fatores da Escala Multidimensional de Preconceito Sexual – EMPS (FREIRES et al., 2019).....	105
Tabela 4 - Caracterização sociodemográfica das/os estudantes de Psicologia distribuídas/os em dois grupos.....	135
Tabela 5 - Resultados nos cinco fatores avaliados pela EMPS das/os 28 participantes em 2021.....	145
Tabela 6 – Resultados estatísticos obtidos pelo D-IRAP-score das/os 14 participantes submetidas ao IRAP-gay.....	151
Tabela 7 – Resultados estatísticos obtidos pelo D-IRAP-score das/os 14 participantes submetidas ao IRAP-lésbica.....	151

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO GERAL	13
CAPÍTULO 1	25
ESTUDO 1 – UMA INTERPRETAÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DO PRECONCEITO SEXUAL E DE GÊNERO.....	25
RESUMO	25
1. INTRODUÇÃO.....	26
1.1 O sistema sexo-gênero-desejo e a ideologia heterossexista como práticas institucionais estruturantes do preconceito.....	26
1.2 Preconceito sexual e de gênero: uma forma cisheterossexista de concretizar o sistema sexo-gênero-desejo.....	35
2. Preconceito sexual e de gênero sob a ótica da análise do comportamento	40
2.1 Comportamento simbólico e preconceito	42
2.2 Comportamento verbal, comportamento governado por regras e episódio social preconceituoso.....	56
3. REFÊRENCIAS.....	71
CAPÍTULO 2	87
ESTUDO 2 - O USO DO “<i>IMPLICIT RELATIONAL ASSESSMENT PROCEDURE</i>” NA INVESTIGAÇÃO SOBRE VIÉS DE GÊNERO: REVISÃO SISTEMÁTICA	87
RESUMO	87
CAPÍTULO 3	89
ESTUDO 3 – REVISÃO DE LITERATURA DA PRODUÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL NACIONAL SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE..	89
RESUMO	89
CAPÍTULO 4	91
ESTUDO 4 - PRECONCEITO SEXUAL DIRIGIDO A LÉSBICAS E GAYS POR ESTUDANTES DE PSICOLOGIA	91
1. INTRODUÇÃO.....	92
1.1 Investigações sobre preconceito sexual e de gênero	93
1.2 Preconceito sexual e de gênero e as/os profissionais da Psicologia.....	96
2. MÉTODO.....	98
2.1 Participantes	98
2.2 Instrumentos e materiais.....	99
2.3 Procedimento de coleta de dados.....	99
2.4 Procedimentos de análise de dados	100

3. RESULTADOS	100
4. DISCUSSÃO	107
4.1 Formas modernas de preconceito sexual e de gênero e suas implicações para Psicologia	109
5. LIMITAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
6. REFERÊNCIAS	116
CAPÍTULO 5	124
ESTUDO 5 – AVALIAÇÃO DE PRECONCEITO SEXUAL E DE GÊNERO EXPLÍCITO E IMPLÍCITO EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA	124
RESUMO	124
1. INTRODUÇÃO	125
1.1 Sobre o Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) na avaliação de vieses atitudinais sobre questões socialmente relevante.	130
2. MÉTODO	134
2.1 Participantes	134
2.2 Condições e equipamentos	135
2.3 Instrumentos	136
2.4 Procedimentos	137
2.5 Procedimentos de coleta de dados	139
2.6 Procedimentos de análise de dados	141
3. RESULTADOS	143
4. DISCUSSÃO	152
4.1 A orientação sexual como variável crítica sobre os vieses implícitos e explícitos.	153
4.2 As práticas culturais e a formação de grupos no controle de respostas comportamentais com e sem viés preconceituoso.	159
4.3 Limitações e proposições para futuros estudos	161
4.3.1 Limitações metodológicas sobre participantes.....	162
4.3.2 limitações metodológicas sobre os instrumentos	163
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
6. REFERÊNCIAS	167
CAPÍTULO 6	177
A MAÇÃ EM FRENTE AO MEU ROSTO: NOTAS BICHAS DE UMA ANALISTA DO COMPORTAMENTO SOBRE O PRECONCEITO E RELAÇÕES SIMBÓLICAS.	177
A maçã: gênero, sexualidade e relações simbólicas na encarnação do preconceito.....	178
REFERÊNCIAS	225
ANEXO A	231

ANEXO B	235
APÊNDICE A.....	237

1. INTRODUÇÃO GERAL

“Vale, vale tudo
 Vale o que vier
 Vale o que quiser
 Só não vale
 dançar homem com homem
 nem mulher com mulher”
 (Tim Maia)

A música de Tim Maia popularizada nos anos 80 com um ritmo animado e dançante apresenta uma regra para a diversão dentro de um contexto social: “vale tudo”, seja “o que vier e o que quiser”. Porém “tudo” é uma palavra muito abrangente, e então o cantor sanciona a única proibição desta fruição dos prazeres: “dançar homem com homem e mulher com mulher”. Os versos repetem-se sistematicamente sem nenhuma explicação para a proibição da dança entre pessoas do mesmo gênero! Outro exemplo deste “pode tudo”, mas não *tudo* mesmo, encontra-se no mito criacionista bíblico quando a primeira mulher responde a Satã citando o senhor Deus de que ela e o esposo tudo poderiam comer, “mas do fruto da árvore que está no centro do jardim, Deus disse: ‘Dele não comereis, nele não tocareis, para que não morrais!’” (GN, 3:3). Logo, não é tudo válido e o descumprimento a esta proibição arbitrária pode culminar em morte, adiante no texto sagrado para cristãos, vê-se: “se um homem se deitar com outro homem como se fosse mulher, ambos cometeram abominação; certamente morrerão e serão responsáveis por sua própria morte” (LV: 20:13). Nesta segunda citação o adjetivo “aberração” para o ato sexual entre dois homens parece ser a justificativa para a morte deles. Quem os matará, ou como morrerão, ainda parece incerto. As relações homoafetivas são excluídas do “vale tudo” tanto na cultura popular quanto na doutrina cristã. A proibição para tais relações é justificada por meio de uma “voz autoritária” cultural ou religiosa que não precisa dar explicações plausíveis para esta sanção.

As regras presentes em textos religiosos e na música popular podem ser interpretadas como uma síntese da organização de práticas sociais já estabelecidas, mantidas, e historicamente transmitidas de geração em geração a partir da concepção de um grupo de pessoas (provavelmente dominante) sobre outro grupo (provavelmente subjugados ao conjunto de regras estabelecidas pelo grupo dominante). Se para os grupos dominantes “não vale” as relações homoafetivas, questiona-se: é permitido atos de preconceito, discriminação, vexação, hostilização contra àquelas/es que “dançam com seus iguais”? Neste pode tudo o “que quiser e vier” matar é uma possibilidade? Uma vez que um grupo define que sexo entre homens é uma “aberração” punida com morte, quem seria o responsável pelo assassinato? Como os que dançam com seus iguais deveriam morrer? De acordo com o pastor André Valladão o senhor deus diz “se eu pudesse, matava tudo e começava de novo. Mas prometi que não posso, agora está com vocês” (TORTELLA, 2023). O que está conosco é o assassinato da comunidade LGBTQIAPN+¹?

Pode parecer hiperbólico derivar a partir destes exemplos a existência de uma “licença para matar” pessoas diferentes da regra binária do casal homem e mulher cisgêneros e heterossexuais. De fato, interpretações exegéticas e hermenêuticas sobre textos bíblicos e músicas populares podem interpretar de diferentes formas o sentido literal destes enunciados, argumentado que “não é bem isso que se quis dizer neste trecho”, “esta tradução está equivocada”, ou que “devemos levar em consideração outros contextos históricos e sociais”. Mesmo concordando com os argumentos para o cuidado interpretativo, os dados atuais de violência contra pessoas LGBTQIAPN+, somados a um panorama histórico sobre a vida desta

¹ A sigla LGBTQIAPN+ é utilizada para agrupar diversas identidades sexuais e de gênero que não correspondam às normas cisheterossexuais, e significa: lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binários. O símbolo de “+” ao final da sigla indica abertura para a inclusão de diversas outras identidades que existem ou venham a existir. Em alguns momentos nesta tese o plural de LGBTQIAPN+ será gravado como LGBTs. Além disso, em muitos trechos nos quais há referências bibliográficas, geralmente as autoras e os autores consultados utilizam termos como LGBT, LGBTI+, LGBT+, dissidentes sexuais e de gênero. Quando o sentido pretendido pelas/os autores/as não se restringir a grupos específicos, e, sim a todo grupo de pessoas utilizarei a sigla inteira LGBTQIAPN+.

comunidade, oferecem subsídios para caracterizar sem eufemismos a violência contra LGBTQIAPN+s como um problema social grave do cotidiano. As práticas violentas contra pessoas não cisheterossexuais estão amalgamadas entre os saberes da cultura popular e de denominações religiosas (BORILLO, 2016). A seguir três exemplos do pode tudo, menos transgredir as regras cisheteronormativas:

“Quase 2 meses após ter sido espancado e violentado, jovem gay morre em Salinópolis, no Pará” (CARNEIRO, 2021, s/n)

“Dandara morreu aos 42 anos após ser alvejada por tiros no Bairro Bom Jardim, em Fortaleza. Antes disso, ela sofreu chutes e golpes de pau de um grupo de pessoas”. (SAMPAIO; FREITAS, 2021)

“Casal gay é agredido com um pau cheio de pregos por se beijarem em SP” (CATRACA LIVRE, 2020, s/n)

O Relatório de Violência Homofóbica no Brasil de 2013 analisou as notificações de homofobia no país. Identificou-se que jovens, pretos e pardos, pessoas que se identificam como gays, travestis e transexuais são as mais vulneráveis a violências dentro do grupo LGBTQIAPN+ no país. Destaca-se que os casos de violência contra pessoas lésbicas podem estar relacionados a crimes de feminicídio e violência contra mulheres. A pesquisa apontou vieses de classe social como determinantes no nível de vulnerabilidade desta população, sendo pessoas que residem em regiões periféricas mais propensas a situações de violência. Sobre as relações sociais entre agressores e vítimas, têm-se que a maior parte das violências (32%) foram cometidas por homens desconhecidos (BRASIL, 2016). Outro relatório lançado em 2018 pelo Ministério do Direitos Humanos novamente constatou inúmeras formas de violências perpetradas com objetivo de “punir” pessoas que apresentavam orientações sexuais e identidades de gêneros não normativas. Neste relatório indicou-se que as violências são resultado da discriminação e intolerância baseadas na heteronormatividade, e somam-se à ineficácia do Estado brasileiro no enfrentamento destes crimes (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2018).

Santos e Silva (2021) analisaram os Relatórios Anuais de Assassinatos de Homossexuais no Brasil (RAAHB) referentes aos anos de 2010 a 2019. Em síntese, concluíram que 3.358 pessoas LGBTQIAPN+ foram assassinadas devido às suas características não-cisheterossexuais. O Nordeste e Norte lideraram como regiões com maior taxa de assassinato por milhão habitante, enquanto São Paulo é um dos estados com maior número absoluto de assassinatos. Devido às condições de vida e sobrevivência, a população T (pessoas transgêneras, transexuais e travestis) é a mais vulnerável à violência, mesmo que homens gays sejam os mais mortos no país. Aproximadamente 45% das mortes representam pessoas com idades entre 15 e 34 anos. Dentre os instrumentos e formas de extermínio estão: arma branca, arma de fogo, estrangulamento, espancamento, paulada, pedrada, carbonização, tijolada. As vias públicas são os cenários mais frequente de violência.

A mídia brasileira tem apresentado que os números de vítimas de agressões contra pessoas LGBTQIAPN+ aumentou nos últimos anos (FARIAS, 2022; SOUZA, 2022) e, possivelmente, esses são dados subnotificados, uma vez que nem todos estados brasileiros os coletam como violências LGBTfóbicas. Além dos relatórios oficiais e divulgações midiáticas, há pesquisas científicas que caracterizam as violências contra pessoas LGBTQIAPN+ indicando que tais práticas são perpetuadas por membros de suas famílias dentro da casa onde moram, e na escola por estudantes, professoras/es e equipe gestora (SILVA; CARDOSO; CARDOSO; GONÇALVEZ, 2021; ALMEIDA; SOARES, 2021; MATTA; TAQUETTE; SOUZA; MORAES, 2021; BRAGA; OLIVEIRA; SILVA; MELO, 2018; SOUZA; SILVA; SANTOS, 2017; RONDINI; TEIXEIRA-FILHO; TOLEDO, 2017; GUSMÃO et al., 2016; LIRA; MORAES; BORIS, 2016; NATARELLI; BRAGA; OLIVEIRA; SILVA, 2015; SOUZA; SILVA; FARO, 2015; SOUZA; SILVA; SANTOS, 2015; PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014; TOLEDO; TEIXEIRA-FILHO, 2013; PERUCCHI; CORREA, 2013;

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de avaliar e caracterizar preconceito sexual e de gênero por meio de instrumentos explícitos e implícitos, esta pesquisa identificou que as características grupais, pertencer ou não a comunidade LGBTQIAPN+, é um fator preponderante sobre os vieses de estudantes de psicologia. Além disso, apresentou-se a possibilidade de interpretar as respostas relacionais explícitas e implícitas sob uma perspectiva analítico-comportamental. Este projeto coaduna-se com as indicações recentes sobre a necessidade da Análise do Comportamento enquanto comunidade científica engajar-se em investigações e proposições afirmativas (BAIRES; KOCH, 2019; SZABO; 2020). Espera-se que futuras investigação ampliem a relação entre Análise do Comportamento

e Estudos de Gênero, bem como utilizem refinamentos metodológicos para pesquisas sobre preconceito sexual e de gênero.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. L., SOARES, R. R. Narrativas de mulheres lésbicas sobre as vivências no cotidiano e no período escolar. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, p. 1-14, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n167625>

ANTUNES, P. P. S. **Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo**. São Paulo: Annablume, 2017.

BAIA, F. H. O lugar das regras na análise das práticas discriminatórias. IN: MARTINS, M. R.; CILLO, E. N. (orgs.). **Ciência do comportamento – Conhecer e Avançar**. Santo André: ESETec, 2007.

BAIRES, N. A.; KOCH, D. S. The female is female (and behavior analysis): a behavioral account of sexism and how behavior analysis is simultaneously part of the problem and solution. **Behavior Analysis in Practice**. v. 13, n. 1, 253-262, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1007/s40617-019-00394-x>

BARNES-HOLMES, D.; BARNES-HOLMES, Y.; LUCIANO, C.; McENTEGGART, C. From the IRAP and REC model to a multi-dimensional multi-level framework for analyzing the dynamics of arbitrarily applicable relational responding. **Journal of Contextual Behavior Science**. v. 6., p. 434-445, 2017. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2017.08.001>

BARNES-HOLMES, D.; BARNES-HOLMES, Y.; POWER, P.; HAYDEN, E.; MILNE, R.; STEWART, I. Do you really know what you believe? Developing the implicit relational assessment procedure (IRAP) as a direct measure of implicit beliefs. **The Irish Psychology**. v. 32, n. 7, 169-177, 2006.

BARNES-HOLMES, D.; BARNES-HOLMES, Y.; STEWART, I.; BOLES, S. A sketch of the implicit relational assessment procedure (IRAP) and the relational elaboration and

coherence (REC) model. **The Psychological Record**, 60, 527-542, 2010. <https://doi.org/10.1007/BF03395726>

BRASIL. MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS. **Violência LGBTfóbica no Brasil: dados de violência**. Documento eletrônico, Brasília DF. 2018. Disponível em: https://prceu.usp.br/wp-content/uploads/2021/04/MDH_violencia_2018.pdf

BRASIL. SECRETÁRIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS DO MINISTÉRIO DAS MULHERES, DE IGUALDADE RACIAL E DOS DIREITOS HUMANOS. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013**. Brasília, 2016. Disponível em: <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/RelatorioViolenciaHomofobicaBR2013.pdf>

BRASIL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (STF). Direitos das pessoas LGBTQIAP+. **Cadernos de jurisprudência do Supremo Tribunal Federal: concretizando direitos humanos**. [recurso eletrônico] Brasília: STF:CNJ, 2022.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2015.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs**. Conselho Federal de Psicologia, Brasília: CFP, 2019.

CORRELL, J.; JUDD, C. M.; PARL, B.; WITTENBRINK, B. Measuring prejudice, stereotypes and discrimination. IN: DOVIDIO, J. F.; HEWSTONE, M.; GLICK, P.; ESSES, V. N. (ed.). **The SAGE Handbook of Prejudice, Stereotyping and Discrimination**, SAGE Publications Ltd: Londres, 2010.

COSTA, A. B. PERONI, R. BANDEIRA, D. NARDI, F. C. Homophobia or sexism: A systematic review of prejudice Against nonheterosexual orientation in Brasil. **International Journal of Psychology.** v. 48, 1-10, 2013. Doi: <https://doi.org/10.1080/00207594.2012.729839>

COSTA, A. B.; NARDI, H. C. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. **Temas em Psicologia.** v. 23, n. 3, p. 715-726, 2015. Doi: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-15>

COSTA, A. B.; PERONI, R. O.; CAMARGO, E. S.; PASLEY, A.; NARDI, H. C. Prejudice toward gender and sexual diversity in Brazilian public university: prevalence, awareness, and the effects of education. **Sex res Soc Policy**, v. 12, p. 261-272, 2015. DOI: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13178-015-0191-z>

CRAVO, F. A. M.; ALMEIDA-VERDU, A. C.; COSTA-JUNIOR, F. M. Revisão da literatura da produção analítico-comportamental brasileira sobre gênero e sexualidade. **Revista Perspectivas em Análise do Comportamento.** n.13, v. 2, p. 247 – 265, 2022. Doi: <https://doi.org/10.18761/a52affa6>

CRAVO, F. A. M.; BENTO, P.V. Caracterização dos estudos sobre preconceito sexual e de gênero no Brasil. **Psicologia Argumento.** v. 41, n. 114, p. 3702 – 3728, 2023. DOI: <https://doi.org/10.7213/psicolargum.41.114.AO14>

CRAVO, F. A. M.; MORAIS, M. A. S.; ALMEIDA-VERDU, A, C. M. O uso do “implicit relational assessment procedure” na investigação sobre gênero: revisão sistemática. **Perspectivas em Análise do Comportamento.** v. 13, n. 1, 213-232, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18761/VEEM.011.nov21>

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

CULLEN, C.; BARNES-HOLMES, D. Implicit pride and prejudice: a heterosexual phenomenon? In: MORRISON, M.; MORRISON, T. G. (orgs.). **The Psychology of Modern Prejudice**. Nova Science Publishers, Inc. 2008.

CUNHA, A. M.; MARIANO, M. R. C. o discurso de empoderamento LGBTQ na mídia: estudo semiótico e argumentativo de um comercial da Natura. **Boletim Historiar**. v. 5, n. 1, 46-55, 2019.

de ROSE, J. C. A Importância dos Respondentes e das Relações Simbólicas para uma Análise Comportamental da Cultura. **Acta Comportamentalia**. v. 24, n. 2, 201–220, 2016.
DESCHAMPS, J.; MOLINER, P. A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais. Petrópolis: Vozes, 2009.

DIXON, M.; LEMKE, M. Reducing prejudice toward Middle Eastern persons as terrorists. **European Journal of Behavior Analysis**. v. 8, n. 1., p. 5-12, 2007. Doi: <https://doi.org/10.1080/15021149.2007.11434269>

DOVIDIO, J. F.; HEWSTONE, M.; GLICK, P.; ESSES, V. N. (ed.). **The SAGE Handbook of Prejudice, Stereotyping and Discrimination**, SAGE Publications: Londres, 2010.

FARREL, L.; MCHUGH, L. Examining gender-STEM bias among STEM and non-STEM students using the implicit relational assessment procedure (IRAP). **Journal of Contextual Behavioral Science**. v. 6, n. 1, 80-90, 2017. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2017.02.001>

FAZZANO, L. H.; GALLO, A. E. Uma análise da homofobia sob a perspectiva da análise do comportamento. **Temas em Psicologia**. v. 23, n. 3, p. 535-545, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3.02>

FLEMING, K.; FOODY, M.; MURPHY, C. Using the implicit relational assessment procedure (IRAP) to examine implicit gender stereotypes in science, technology, engineering, and maths (STEM). **The Psychological Records**. v. 70, 459-469, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1007/s40732-020-00401-6>

FREIRES, L. A.; LOURETO, G. D.; MENDES, L. A.; REZENDE, A. T.; SANTOS, W. S.; GOUVEIA, V. V. Escala multidimensional de preconceito sexual: propriedades psicométricas para o contexto brasileiro. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 39, n. 3., p. 222-235, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228490>

GAERTNER, S. L.; DOVIDIO, J. F. A common ingroup identity: a categorization-based approach for reducing intergroup bias. IN: NELSON, T. D. (ed.). **Handbook of prejudice, stereotyping and discrimination**. New York: Psychological Press, 2009.

GALLO, A.; MORAIS, A. O.; FAZZANO, L. H.; SANTOS, S. J. Psicologia para quem? Uma discussão analítico-comportamental do feminismo, homofobia e racismo. IN LUZIA, J. C (org.). **Psicologia e Análise do Comportamento: Pesquisa e Intervenção**. Londrina: UEL, 2019.

GASPODINI, I. B.; FALCKE, D. Estudos psicológicos brasileiros sobre preconceito contra diversidade sexual e de gênero. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. v. 10, n.2, p. 59-79, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n2p59>

GOFFMAN, E. **Estigma: notas da identidade deteriorada**. São Paulo: LCT, 1981/2003.

GUERIN, B. Attitudes and beliefs as verbal behavior. **The behavior Analyst**. v. 17, n. 1., 155-163, 1994. Doi: <https://doi.org/10.1007/bf03392661>

GUSMÃO, E. E. S.; NASCIMENTO, B. S.; GOUVEIA, V. V.; FILHO, L. G. F.; COSTA, K. M. R.; MOURA, H. M.; MONTEIRO, R. P. (2016). Valores Humanos e Atitudes Homofóbicas Flagrante e Sutil. **Psico-USF**, v. 21, n. 2, p. 367-380, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210213>

HAAS, A P. et all. Suicide and suicide risk in lesbian, gay, bisexual, and transgender population: review and recommendations. **Journal of Homosexuality**. v. 58, p. 10-51, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1080/00918369.2011.534038>

HAYES, S.; BARNES-HOLMES, D.; ROCHE, B. (Eds.). **Relational frame theory: a post-skinnerian account of language**. Plenun, 2001.

HEBL., M.; LAW, C. L.; KING, E. Heterosexim. IN: DOVIDIO, J. F.; HEWSTONE, M.; GLICK, P.; ESSES, V. M. (org.). **The SAGE book of prejudice, stereotyping and discrimination**. Londres: SAGE publication, 2010.

HEREK, G. Sexual Prejudice. IN: NELSON, T. D. (org.). **Handbook of prejudice, stereotyping and Discrimination**. Psychology Press: Nova Iorque, 2009.

HERNÁNDEZ, F. J.; LÓPEZ, M. A.; NAVARRO, V. N.; CORONA, L. C.; CALIXTO, D. A. Relación entre actitud hacia la homosexualidad y características personales de estudiantes universitarios de enfermeira. **Revista Cubana de Enfermería**, v. 36, n. 3., p. 1-8, 2020.

HUSSEY, I.; THOMPSON, M.; MCENTEGGART, C.; BARNES-HOLMES, D.; BARNES-HOLMES, I. Interpreting and inverting with less cursing: a guide to interpreting IRAP data. **Journal of Contextual Behavioral Science**. v. 4, n. 3, 157-162, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2015.05.001>

JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Retratos da Escola**. v. 7, n. 13, 2013. Doi: <https://doi.org/10.22420/rde.v7i13.320>

LIMA, M. E. O.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**. v. 9, n. 3., p.401-411, 2004. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>

MATTA, T. F.; TAQUETTE, S. R.; SOUZA, L. M. B. M.; MORAES, C. L. Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do Ensino Médio do Município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, p. 1-13, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00330820>

MENDES, W. G.; SILVA, C. M. F. P. Homicídios das populações lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros (LGBT) no Brasil: uma análise espacial. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 25, n. 5., p. 1709-1722, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33672019>

MIZAEL, T. M. Perspectivas Analítico-Comportamentais sobre a homossexualidade: análise da produção científica. **Perspectivas em Análise do Comportamento**. v. 9, n. 1, 15-28, 2018. Doi: <https://doi.org/10.18761/PAC.2017.011>

MIZAEL, T. M.; de ALMEIDA, J. H. Revisão dos estudos do implicit relational assessment procedure sobre vieses raciais. **Acta Comportamentalia**. v. 27, 437-461, 2019.

MIZAEL, T. M.; SANTOS, S. L.; de ROSE, J. C. Contribuições do paradigma de equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. **Interações em Psicologia**. v. 20, n. 2, 124-134, 2016. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v20i2.46278>

MYERS, D. G. **Psicologia Social**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2014.

NIETO-GUTIERREZ, W. et alli. Factores asociados a la homofobia em estudiantes de medicina de once universidades peruanas. **Revista Colombiana de Psiquiatria**, v. 48, n. 4, p. 208-214. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rcpeng.2018.01.003>

NOSEK, B. A.; HAWKINS, C. B.; FRAZIER, R. S. Implicit social cognition: from measures to mechanisms. **Trends Cogn Sci.**, v. 15, n. 4, p. 152-159, 2011. Doi: <https://doi.org/10.1016%2Fj.tics.2011.01.005>

OLSON, M. A. Measures of prejudice. IN: IN: NELSON, T. (org.). **Handbook of Prejudice, Stereotyping, and Discrimination**. New York: Psychology Press, 2009.

PERUCCHI, J., BRANDÃO, B. C., VIEIRA, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v. 19, p. 67-76, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>

QUINALHA, R. **Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RABELO, L. Z.; BORTOLOTTI, R.; SOUZA, D. H. Dolls are for girls and not for boys: evaluating the appropriateness of the implicit relational assessment procedure for school-age children. **The Psychological Records**. v. 64, 71-77, 2014.

RAMOS, A. L. B. et alli. Análise da saúde mental da população LGBTQIA+ frente à pandemia de COVID-19. **Research, Society and Development**. v. 11, n.12. p. 1-10. Doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i12.34687>

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

RODDY, S.; STEWART, I.; BARNES-HOLMES, D. Anti-fat, pro-slim, or both?: Using two reaction-time based measures to assess implicit attitudes to the slim and overweight. **Journal of Health Psychology**, v. 15, n. 3, p. 416–425, 2010.

ROSA, E. B. P. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos PET-filosofia**. v. 18, p. 53-103, 2020.

RUIZ, M. R. B. F. Skinner's radical behaviorismo: historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions. **Psychology of Women Quarterly**. v. 19, 161-179, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1995.tb00285.x>

RUIZ, M. R. Inconspicuous sources of behavioral control: the case of gendered practices, **The Behavior Analyst Today**. v. 4, n. 1, 12-16, 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/h0100005>

SANTOS, E. J.; SILVA, C. A. L. Quem a homotransfobia matou hoje? Uma leitura comparada dos relatórios de mortes violentas de LGBTQ+ (2011-2019). **Diversitas Journal**. V. 6., n. 1., p. 1220 – 1242, 2021. Doi: <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v6i1-1725>

SANTOS, J. J.; SANTOS, E. C. Prejudice against sexual and gender diversity and beliefs about sex education among university students. **Estudos de Psicologia**, v. 39, p. 391-412, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200017>

SAXE, F. **Disidencias sexuales: um sistema geoplanetario de distúrbios sexo-subversivos-anales-contravitales**. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 15, p. 2, 71-99, 1990/1995.

SIDMAN, M. Equivalence relations and the reinforcement contingency. **Journal of Experimental Analysis of Behavior**. v. 74, n. 1, 127-146, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1901%2Fjeab.2000.74-127>

SILVA, J. C. P.; CARDOSO, R. R.; CARDOSO, Â. M. R.; GONÇALVES, R. S. Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**. v. 26, p.2643-2652, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08332021>

SILVEIRA, C. C.; de ALMEIDA, J. H.; PEREZ, W. F. Compreendendo a perspectiva de outros: contribuições e aplicações da ciência comportamental contextual. IN:PEREZ, W. F. et al., (orgs.). **Teoria das Molduras Relacionais (RFT): conceitos, pesquisas e aplicações**. São Paulo: Centro Paradigma Ciências do Comportamento, 2022.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins fontes, 1953/2003.

SKINNER, B. F. **Reflexions on behavior and Society**. Prentice-Hall: New York, 1978.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. Prentice-Hall, New York, 1957.

SOBRAL, H. S., SILVA, M. L. V., FERNANDES, S. C. (2019). Homofobia: o que a psicologia brasileira tem a dizer? Artigo de revisão. **Revista CES Psicologia**. v. 12, n. 3, p. 20-34, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.21615/cesp.12.3.2>

SWIM, J. K.; AIKIN, K. J.; HALL., W. S.; HUNTER, B. A. Sexism and racism: old-fashioned and modern prejudices. **Journal of Personality and Social Psychology**. v. 68, n. 2, p. 199-214, 1995. DOI: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.68.2.199>

SZABO, T. G. Equity and diversity in behavior analysis: lesson from Skinner (1945). **Behavior Analysis in Practice**. v. 13, n. 2, 375-385, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1007/s40617-020-00414-1>

TEIXEIRA, M. K.; ALMEIDA, J. H.; BORTOLOTI, R.; HUZIWARA, E. Comparação entre medidas implícitas e explícitas na avaliação de casais homoafetivos e heteroafetivos. **Revista Perspectivas em Análise do Comportamento**. v. 12, n. 1, 235-248, 2021. Doi: <https://doi.org/10.18761/PAC.2021.v12.RFT.08>

TIMMINS, L.; BARNES-HOLMES, D.; CULLEN, C. Measuring implicit sexual response biases to nudes male and female pictures in androphilic and gynephilic men. **Achives of Sexual Behavior**. v 45, p. 829-841, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1007/s10508-016-0725-3>

WATT, A.; KEENAN, M.; BARNES, D.; CAIRNS, E. Social categorization and stimulus equivalence. **The Psychological Records**. v. 1, n. 41, p. 33-50, 1991.